

A PROXIMIDADE ENTRE A SÉRIE THE HANDMAID'S TALE E A MULHER NA SOCIEDADE

Victor de Oliveira Rocha ¹
Rhayssa Fernandes Mendonça ²

Resumo: Este artigo aborda a série The Handmaid's Tale, criada por Bruce Muller e baseada no livro de Margaret Atwood. A série apresenta uma história distópica sobre uma sociedade totalitária, em que mulheres não tem direitos. O objetivo principal foi comparar as questões sociais retratadas na série com a realidade da sociedade. A pesquisa também explora as narrativas audiovisuais e a abordagem de temas como abuso sexual e feminicídio.

Palavras-Chave: mulheres; gênero; streaming; The Handmaid's Tale.

PROXIMITY BETWEEN THE HANDMAID'S TALE SERIE AND WOMEN IN SOCIETY

Abstract: This article discusses series The Handmaid's Tale, created by Bruce Miller and based on the Book, by Margaret Atwood. The show presents a dystopic story where women has no rights in a totalitarian society. The main objective is to make a comparison between the social issues portrayed on the onscreen adaptation and our reality. This research also explores audiovisual narratives where topics like sexual abuse and femicide are current themes.

Keywords: women; gender; streaming; The Handmaid's Tale

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta uma análise da série The Handmaid's Tale, cujo contexto se passa em um futuro distópico em que após a diminuição da taxa de natalidade os Estados Unidos sofre um golpe de estado liderado por um grupo religioso que segue a doutrina do Velho Testamento, sendo então criada a república de Gilead sob um regime totalitário e teocrático.

A análise é guiada pelo questionamento sobre como o universo distópico exibido em The Handmaid's Tale pode influenciar nas discussões sobre o direito da mulher. O objetivo da pesquisa foi analisar a representação do patriarcado como detentor dos

¹ Graduado em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda pelo Centro Universitário de Goiás – UNIGOIÁS.

² Professora do Centro Universitário de Goiás – UNIGOIÁS. Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e Graduada em Relações Públicas pela mesma instituição. E-mail: rhayssa.fernandes@anhanguera.edu.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5521302523939908>

poderes e os específicos de trazer a tona assuntos como a exploração do corpo da mulher, punição à homossexualidade, machismo e a prática de mutilação genital feminina.

Para isso, em um primeiro momento são abordados a cultura de mídia, da convergência e comportamento do público consumidor de conteúdos audiovisuais distribuídos pelas plataformas de streaming. Em seguida, são abordadas questões como a mulher, a sexualidade e a construção de gênero. Por fim, são apresentadas a metodologia e a análise de uma cena da série *The Handmaid's Tale*.

Da Cultura de Mídia a Convergência das Mídias

Já é lugar-comum a constatação sobre influência dos meios de comunicação em relação à sociedade. É evidente que toda a comunicação midiática tem protagonismo na vida cotidiana. Os elementos oriundos dos meios de comunicação são parte primordial do cotidiano, definindo muitos dos nossos costumes, modos de ser e pensar. Este fenômeno é conhecido cultura de mídia e é definido por Kellner (2001) como:

A cultura da mídia é a cultura dominante hoje em dia; substituiu as formas de cultura elevada como foco da atenção e de impacto para grande número de pessoas. Além disso, suas formas visuais e verbais estão suplantando as formas da cultura livresca, exigindo novos tipos de conhecimentos para descodificá-las. Ademais, a cultura veiculada pela mídia transformou-se numa força dominante de socialização: suas imagens e celebridades substituem a família, a escola e a igreja como árbitros de gosto, valor e pensamento, produzindo novos modelos de identificação e imagens vibrantes de estilo, moda e comportamento. (KELLNER, 2001, p.27)

Santaella (2003, p.24) aponta que “ela não se confunde com a cultura de massas, de um lado, nem com a cultura virtual ou cibercultura, de outro”. Sendo assim, a mídia tem como principal objetivo fornecer conteúdo que possa gerar proximidade e identidade, construindo novas formas de comportamento. É muito provável que o processo da cultura das mídias tenha influência significativa no que diz respeito à evolução do mundo virtual. Para Santaella (2003, p.24) “esses processos são distintos da lógica massiva e vieram fertilizando gradativamente o terreno sociocultural para o surgimento da cultura virtual ora em curso”. Ou seja, esse processo define a passagem de uma cultura para outra.

Neste panorama, foi concebido o desenvolvimento de uma cultura de convergência. A transmídia se resume no compartilhamento de um conteúdo em diversas mídias, a partir da adequação das mensagens formato. Com intuito de transmitir determinadas mensagens, as mídias nascidas do avanço dos aparatos tecnológicos vieram como uma forma de somar ao arcabouço dos fenômenos da cultura de mídia. Jenkins

(2009, p.41) aponta que “a convergência das mídias é mais do que apenas uma mudança tecnológica; A convergência altera a relação entre as tecnologias existentes, indústrias, mercados, gêneros e públicos”.

A narrativa do universo transmídia “refere-se a uma nova estética que surgiu em resposta à convergência das mídias – uma estética que faz novas exigências aos consumidores e depende da participação ativa de comunidades de conhecimento.” (JENKINS, 2009, p.48).

116

No universo das convergências midiáticas, o serviço de streaming (ou transmissão online) transformou o consumo dos produtos audiovisuais. Com capacidade armazenar grandes acervos de séries, filmes, documentários, novelas, desenhos e shows de música, o streaming também permite ao usuário reassistir os conteúdos a qualquer momento. As plataformas dão ao público produções próprias e diferentes, assim, o streaming assumiu um papel que vai além da reprodução dos conteúdos.

Hoje as gigantes do streaming, como a Netflix, Amazon e Hulu, se empenham em estratégias de comunicação e interação com os públicos, trazendo-os para o universo das séries, filmes e demais produtos. O processo cria experiências do consumidor com o produto com diferentes tipos de mídia.

Para viver uma experiência plena num universo ficcional, os consumidores devem assumir o papel de caçadores e coletores, perseguindo pedaços da história pelos diferentes canais, comparando suas observações com a de outros fãs, em grupos de discussão on-line, e colaborando para assegurar que todos os que investiram tempo e energia tenham uma experiência de entretenimento mais rica. (JENKINS, 2009, p.47)

Essa produção de conteúdo extra pode ser entendida como estratégia de transmídia. Silva (2014, p.246) aponta que “circula na rede uma ampla gama de material exclusivo, oferecido pelos canais, e que vão desde promos, trailers, e entrevistas até expansões do mundo narrativo em websódios, blogs ou sites de personagens”.

A série Game Of Thrones é um exemplo para ilustrar como as experiências são aprimoradas. Tendo em vista a repercussão dos seus episódios nas redes sociais, a HBO começou a publicar vídeos dos bastidores no YouTube, mostrando o processo de gravação das cenas com efeitos especiais e entrevistas com os atores e profissionais da série. A Netflix também faz uso contínuo de estratégias com uso das narrativas transmidiáticas. Muitas de suas produções, como por exemplo, Stranger Things e Sense

8 são famosas. A plataforma é referência em divulgação de novas temporadas ou lançamento de suas produções.

O estreitamento do relacionamento com os públicos é um fator determinante no crescimento das plataformas de streaming, assim como outras possibilidades criadas e exploradas. Conforme apontam Monteiro e Sales (2017), essa expansão da participação, fazendo uso do espaço midiático, é importante para aprimorar a fidelização dos consumidores.

117

Oferecer novos níveis de revelação e experiência renova a franquia e sustenta a fidelidade do consumidor. A lógica econômica de uma indústria de entretenimento integrada horizontalmente – isto é, uma indústria onde uma única empresa pode ter raízes em vários diferentes setores de mídia – dita o fluxo de conteúdo pelas mídias. (JENKINS, 2009, p.142)

As estratégias transmidiáticas implementadas pelas plataformas de streaming fortificam as relações com o público e, ao circular por diferentes tipos de mídia. Elas transmitem diversos conteúdos que dialogam com os contextos explorados nas séries e filmes, e proporcionam novas experiências de consumo, proporcionando que nasçam novas formas de compreender os temas e conteúdos abordados. A popularização do consumo de séries levou ao surgimento de um novo público e, conseqüentemente, houve também uma mudança na maneira de absorção de conteúdo das produções de plataformas de streaming. Por fazer parte de uma geração que nasceu na era da internet, tal público consome de maneira veloz e têm muitas possibilidades de interatividade com outros consumidores.

Como consequência, constantemente são empregadas novas técnicas nas produções, com o objetivo de influenciar na construção do perfil desse público. Com isso, é possível que haja a fixação de um personagem na mente das pessoas ou que assuntos com repercussão mundial comecem a ser abordados, por exemplo. O que se observa é que as séries dentro do streaming passaram a moldar um novo tipo de rotina para quem as consome.

As artes das séries estariam definidas não apenas pela contenção da linguagem e pelo investimento em categorias valorativas tipicamente cinematográficas, denominadas como *mise-en-scène*, mas, principalmente, pelo texto, que é capaz de atrair a atenção do público em um meio de exibição, por excelência, dispersivo e cacofônico (o aparelho de TV ou mesmo a tela do computador, sem efeito imersivo da sala escura de cinema e cada vez mais inserido em um ambiente multitarefas), e de provocar repetições estruturais que,

no entanto, apresentam-se constantemente como novidade (COLONNA, 2010 *apud* SILVA, 2014).

A rapidez no consumo é motor para que estratégias sejam empenhadas. A Netflix, por exemplo, lança temporadas de suas produções de uma vez só, instigando o consumo por completo e o engajamento orgânico em redes sociais como o Twitter, onde os fãs costumam comentar sobre as séries fazendo o uso de hashtags. De acordo com o The Los Angeles Times, o lançamento de uma vez de todos os episódios foi a tática utilizada pela Netflix para alimentar o *binge watching* ou, em tradução livre, “assistir até se entupir” (THE LOS ANGELES TIMES, 2013 *apud* KULESZA; BIBBO, 2013). Em contrapartida, os consumidores de séries cujos episódios são lançados na televisão, precisam conter a ansiedade.

As plataformas de streaming dão ao usuário a possibilidade de estar no controle, de forma independente, daquilo que vai assistir, em qual hora e por qual aparelho (notebook, tablet, celular). Monteiro e Sales (2017, p.4) apontam que “a internet é a principal a ferramenta de intervenções coletivas, como o processo de inteligência dos nichos de fãs dentro do ciberespaço, com tudo, esses consumidores começam a adotar o uso criativamente de mídias emergentes”.

Dado tamanho alcance e envolvimento, é provável que essas produções sejam ainda capazes de levar novos temas e conteúdos ao público, podendo ainda construir e desenvolver novos comportamentos.

Um dos objetivos das séries é trazer para a sociedade novas formas de ser e estar influenciando na construção do cidadão. Questões sociais, econômicas, políticas e culturais são assuntos vistos em algumas séries, a exemplo de House of Cards, produzida pela Netflix, que retrata as manobras de um político com desejo de conquistar o poder. Assim, de um jeito diferente e atrativo, elas passam a trazer novas roupagens a essas questões contemporâneas. (SOUSA; AQUINO; MELO, 2017, p.6)

Todo fenômeno midiático tem potencial em relação à sociedade, visto que produtos, discursos e informações veiculadas pelos meios de comunicação podem ter alcance, visibilidade e legitimidade. Além disso, ao possibilitar tantos fluxos, atribuem na construção do campo representacional dos temas e conteúdos junto aos consumidores. São muitas as probabilidades a serem suscitadas, como a exposição, a atração ao tema, ao interesse e a discussão dos temas abordados.

Os Estigmas da Mulher na Sociedade e o Patriarcado

Historicamente a imagem e papel da mulher são estigmatizados por tabus e preconceitos. Diversos estereótipos ligados à sexualidade e ao comportamento são constantemente reforçados, enquanto formas de repressão e julgamento.

Antigamente era inconcebível que as mulheres estudassem, trabalhassem fora e votassem. Suas funções eram direcionadas ao homem, num contexto de submissão, inclusive sexual (MORAES, 2012). A sociedade patriarcal educou e educa homens para papéis em que governam, lideram e dominam, enquanto a mulher é ensinada a assumir papéis submissos e coadjuvantes. Assim, a dominação da mulher sempre pertenceu a uma sociedade assimétrica, em que o poder daquele que domina é impõe aquilo que faz o dominado. Conforme Touraine (2011, p.208) “um encontro entre sociedades e culturas comporta sempre uma assimetria de poder: uma é da maioria, a outra da minoria; de um lado o colonizador, do outro o colonizado. Esta relação de poder é sempre reconhecida pelo dominado.”.

É possível definir o patriarcado dentro de uma sociedade como o homem detentor dos poderes, que têm privilégios sociais e mantém autonomia sobre seus subordinados. Para Alambert (2004) a mulher foi a primeira escrava do homem, pois o homem precisava de uma mulher só pra ele, para ter certeza de que o filho era seu, algo que era necessário para a transmissão da herança a mãos legítimas.

A sociedade patriarcal colocava a prova a capacidade da mulher em desenvolver funções que comumente são masculinas e todo esse regime era baseado nas religiões e hierarquias.

Na família patriarcal, a casa é baseada na hierarquia, com escalonamento de pessoas conforme ordem de importância. Sexo e idade são critérios de classificação que explicam porque primeiro vem o pai (o “chefe da família”), depois os filhos e, por último, a “dona da casa”; explicam a divisão entre mais velhos ou mais moços; homens e/ou mulheres. (DA MATTA, 1991, apud. BARBOSA et al., 2011).

O patriarcado era constituído por indivíduos que possuíam status e cujos valores e crenças eram influenciados por opiniões extremamente machistas. Barbosa (2011, p.6) diz que “pode-se inferir que o papel da mulher na sociedade foi construído pelo homem, classe dominante desde os primórdios da humanidade, em virtude da força física”. Cabe aqui considerar que as mulheres ganharam espaço no mercado de trabalho, porém, ocupando um papel secundário e sempre com condições precárias.

As mulheres eram impelidas a trabalharem nas fábricas pela necessidade econômica da família operária, mas maridos e patrões consideravam tal trabalho como provisório e delas exigiam também a consecução das tarefas domésticas, de forma que a dupla jornada de trabalho formava o espaço de suas vidas de modo compulsório. (PAOLI, 1994, p.20)

A Revolução Industrial foi o período de inserção das mulheres no mercado de trabalho. No entanto, as condições de trabalho para as mulheres eram precárias, sem qualquer tipo de benefício ou estabilidade. Barbosa (2011, p.6) comenta que “para prover a subsistência familiar, as mulheres aceitavam salários menores e sujeitavam-se a condições exaustivas de trabalho, perigosas muitas vezes, penosas, insalubres, a qualquer hora do dia ou da noite”.

Vale ressaltar que a religião, assim como em qualquer sociedade, tinha muita influência no que diz respeito às práticas dos patriarcas. Seja na criação dos filhos ou no processo de submissão da mulher, os ensinamentos da bíblia eram seriamente aplicados. Segundo Silva (2009, p.30) “a igreja católica teve participação na construção do modelo de mulher frágil, dependente e submissa; e do homem como mantenedor da família e destinado ao espaço público”. Assim, a ideologia da moral e dos bons costumes era reforçada e repassada para outras gerações.

A ideologia machista, que considera o homem um ser superior à mulher, não entra apenas na cabeça dos homens. Também as mulheres, majoritariamente, acreditam nestas ideias e as transmitem aos filhos. Quando proíbe os filhos de chorar, alegando que homem não chora, e exigem que as filhas se sentem como mocinhas, estão passando aos mais jovens este sistema de ideias que privilegia o homem em prejuízo da mulher. (SAFFIOTTI, 1987, p.34)

A construção patriarcal valeu-se de um imaginário instituído não apenas aos homens, mas também levando a mulher a acreditar que ser submissa ao patriarcado era sua única função na vida. Safiotti (1987, p.9) diz que “a sociedade investe muito na naturalização deste processo, isto é, tenta fazer crer que a atribuição do espaço doméstico à mulher decorre da sua capacidade de ser mãe”.

Diante deste contexto, a história da mulher é permeada por lutas e reivindicações por direitos civis, políticos e sociais básicos. Para Alambert (2004, p.26), a resistência faz parte da história das mulheres, que lutaram “para eliminar preconceitos e discriminações, recuperar posições perdidas, garantir direitos, transformar a vida e alcançar seu pleno florescimento como ser humano, igual, autônomo e digno”.

Nesse processo, nunca poderemos perder de vista o papel desempenhado pelo movimento feminista, que se tem constituído, desde o século passado, no melhor instrumento de luta que a mulher pôde criar para servir-lhe

simultaneamente de bússola e arma de combate, numa revolução que sabemos será a mais longa da história da humanidade. (ALAMBERT, 2004, p.26).

Essa luta é contínua, pois está enraizada na sociedade uma série de estereótipos que seguem em voga, causando cada vez mais discussões sobre o direito e liberdade. Mesmo com a ascensão do empoderamento feminino, ainda é possível perceber resquícios da erotização/sexualização do corpo da mulher. Para Freitas (2014, p.142) as mulheres foram transformadas em “um ser explorado sexualmente pelos meios de comunicação, que limitam as mulheres à exposição dos seus corpos”.

121

Torna-se impressionante que no Século XXI, com todo avanço tecnológico e científico alcançado pelo ser humano, ainda seja preciso reforçar a dignidade humana como princípio basilar da convivência harmônica entre as pessoas. Percebe-se que apesar de toda a luta, as mulheres continuam interiorizando – sujeitadas – os estereótipos de 50 anos atrás, mas agora carregam também a sexualidade exacerbada, um dos fardos da sociedade pós-revolução sexual, que libertou as correntes que prendiam os desejos femininos, mas trouxe o corpo feminino à berlinda, na publicidade e na mídia em geral. (FREITAS, 2014, p.141)

Conforme Beauvoir (1970, p.57), o corpo da mulher é um dos elementos essenciais para a situação que ela ocupa neste mundo, porém, não se deve defini-la somente por este atributo.

A mulher é uma fêmea na medida em que se sente fêmea. Há dados biológicos essenciais e que não pertencem à situação vivida. Assim é que a estrutura do ovário nela não se reflete; ao contrário, um órgão sem grande importância biológica, como o clitóris, nela desempenha um papel de primeiro plano. Não é a natureza que define a mulher: esta é que se define retomando a natureza em sua afetividade. (BEAUVOIR, 1970, p.59)

A sexualidade feminina é bastante estereotipada, levando em consideração questões como a menstruação, onde consideram que o corpo da mulher é sujo, ou o termo fêmea, que na boca do homem, segundo Alambert (2004, p.99) significa insulto, e claro, é totalmente pejorativo. Criados em massa por figuras masculinas (políticos, filósofos, teólogos, poetas) esses estereótipos foram cultivados e passados a outras gerações, o que teve influência significativa na divisão de papéis entre o homem e a mulher na sociedade. Assim, além de reforçar a ideia de dependência perante a figura masculina, a mulher tem sua sexualidade reprimida, sendo vista como um ser medíocre.

Em meio a tantas opressões, a mulher ainda enfrenta uma grande batalha no que diz respeito à liberdade do próprio corpo, que ainda é objetificado. Nas discussões sobre o aborto, por exemplo, é possível perceber que a mulher não tem o seu corpo respeitado,

pois em voga costumam estar a defesa de crenças baseadas no conservadorismo, excluindo questões como a saúde física e psicológica das mulheres.

Alambert (2004, p. 103) comenta que há ausência de informações científicas para a mulher sobre o seu próprio corpo e também do planejamento familiar. A autora diz que “tudo isso nos indica a necessidade de garantir os direitos reprodutivos, por meio de uma assistência efetiva à mulher em sua fase fértil, respeitando-se seu direito à opção de ter ou não filhos”.

122

Diante deste panorama, os meios de comunicação reforçam tais estereótipos socialmente impregnados e propagados pelo conservadorismo. A representação da mulher na mídia costumar redundar a sexualização do seu corpo.

Considerando que a mídia possui papel fundamental na sociedade, sobretudo na construção do campo representacional a respeito daquilo que veicula, é plausível salientar que muito do que se atribui à percepção das mulheres é produto dos meios de comunicação. Savietto (2015, p.52) aponta que “como espaços políticos e sociais, os meios de comunicação de massa participam do processo de construção de identidades, e por isso a representação das mulheres nestes espaços sempre permearam as preocupações feministas”.

Assim, a maneira como a figura feminina é retratada pela mídia diz muito sobre como a sociedade enxerga a mulher. Na publicidade, por exemplo, o estereótipo da mãe dona de casa é reforçado, associando as mulheres aos cuidados com o lar. Outra vertente muito explorada é a sexualização do corpo feminino, que pode ser vista em vários comerciais de cerveja. O contexto é quase sempre o mesmo: uma mulher, homens em um e piadas de duplo sentido. Cruz (2008, p.4) diz que “os publicitários evocam nos comerciais, a partir das diferenças, os variados ‘sensos comuns’ inseridos no cotidiano, para criar intimidade com o consumidor, universalizando a diversidade dos sujeitos”.

Já as novelas sempre buscam mostrar em suas tramas assuntos que estão em discussão na sociedade. Foi assim que Aguinaldo Silva deu vida à personagem Griselda de Fina Estampa (2011), retratando a mãe solteira que precisa se virar para cuidar dos filhos sozinha. Interpretada pela atriz Lília Cabral, a personagem foi obrigada a exercer o papel de homem da casa depois que seu marido desapareceu. Masculinizada e denominada como “Pereirão”, trabalhava em funções que, no entendimento sociedade, são exercidas por homens.

Cruz (2008, p.6) explica que “as narrativas e as imagens veiculadas pela mídia fornecem símbolos, os mitos e os recursos que ajudam a constituir uma cultura comum para a maioria dos indivíduos”. Ou seja, ao ter contato com determinado tipo de conteúdo, esses indivíduos podem compactuar dos preconceitos e estereótipos que nele estão presentes.

Mudando de cenário, também é necessário considerar a importância da presença feminina na política e como a mídia retrata esse avanço dentro de um universo dominado por homens. Savietto (2015, p.56) argumenta que muitas mulheres, ao atingir o sucesso político, enfrentam insultos e humilhações baseadas em seu gênero. A autora também relata que a mídia ignora as questões importantes relacionadas à sua posição, levando em consideração apenas seus atributos, como penteados, roupas e peso.

A série *The Handmaid’s Tale*

A série *The Handmaid’s Tale* foi lançada pela plataforma de streaming Hulu, em 2017. É inspirada no romance distópico “O Conto da Aia”, de 1985, escrito por Margaret Atwood. Na série, o governo dos Estados Unidos foi derrubado por um governo autoritário, teocrático e cristão fundamentalista. No universo de *The Handmaid’s Tale*, as aias são identificadas pela casa que servem, sendo chamadas pelo nome “Of” junto ao primeiro nome de seu comandante. Ofglen, por exemplo, é chamada assim porque serve ao comandante Glen Deeds.

Antes de ser capturada para viver em Gilead, Emily, o verdadeiro nome de Ofglen, era professora universitária, e lecionava aulas de biologia celular. A personagem era gay, tinha um filho e era casada com outra mulher. Ela foi capturada por ser fértil, já sua esposa e filho conseguiram fugir.

Na república de Gilead, homens e mulheres gays são traidores de gênero, logo, dentro do regime totalitário e teocrático cristão, o relacionamento entre pessoas do mesmo sexo é proibido. Emily foi julgada por ser lésbica e ter mantido relações afetivas com uma Martha, que dentro desse regime são mulheres que servem aos comandantes como empregadas domésticas. A cena escolhida para análise retrata o momento do julgamento, a sentença e suas consequências. A ação acontece no terceiro episódio da primeira temporada da série, intitulado “Late”.

Análise Fílmica

Não há metodologia universal para o desenvolvimento de uma análise de filme. De modo geral, “analisar implica duas etapas importantes: em primeiro lugar decompor, ou seja, descrever e, em seguida, estabelecer e compreender as relações entre esses elementos decompostos, ou seja, interpretar”.

Penafria (2009) aponta que o objetivo da análise é esclarecer e explicar o funcionamento de um filme, propondo uma interpretação. Para isso, os elementos do filme são separados e identificados, possibilitando compreender a articulação entre eles. A dinâmica narrativa consiste em fazer a decomposição dos elementos do filme por cenas ou em sequência, a fim de auxiliar na maneira como a história é apresentada.

É necessário fazer a decomposição da cena principal do filme, aquela que causou maior impacto ou chamou mais atenção. E por fim, as conclusões, momento onde o autor da análise discorre sobre o que foi visto, considerando todos os aspectos da obra. Penafria (2009, p.9) ainda acrescenta que “apenas pela análise será possível verificar e avaliar, efectivamente, os filmes naquilo que têm de específico ou de semelhante em relação a outros”.

A Análise

No início da cena Emily é levada ao tribunal para ser julgada por ter se relacionado com outra mulher. No julgamento, em Gilead, o acusado é julgado e recebe sentença sem direito à defesa. Com exceção das tias, as mulheres não podem ler, escrever ou ter acesso a qualquer tipo de informação. No entanto, todas estão cientes das proibições do regime. Com isso, qualquer tipo de relação homoafetiva é considerada como traição de gênero, e a pena é a morte em uma forca. A situação retratada na cena envolve uma diversidade de elementos que configuram a construção do patriarcado como detentor dos poderes.

Durante a sequência, a personagem não tem nenhuma fala e está amordaçada. Os sentimentos de Emily são percebidos por suas expressões faciais e corporais. A mordaça é uma representação do contexto retratado na série, em que as mulheres são constantemente omitidas, e também do silenciamento da mulher na sociedade.

No tribunal (Figura 1), Emily e a Martha ouvem a sentença que as condena por traição de gênero em violação ao versículo vinte e seis do livro de romanos, capítulo um,

que segundo a Bíblia (2011) diz: “Por isso Deus os abandonou às paixões infames. Porque até as suas mulheres mudaram o uso natural, no contrário à natureza”.



Figura 1. Juiz anuncia a sentença para Emily e a Martha por traição de gênero.
Fonte: Série The Handmaid's Tale (Hulu – 2017)

O Estado condena Emily à redenção e Martha a força. Após presenciar a morte da Martha, Emily é levada para cumprir sua sentença. Em Gilead, a redenção é a mutilação genital. Após se dar conta de que está em um hospital, Emily sente dores em sua região pélvica, e então decide subir a camisola e entender o que estava acontecendo.



Figura 2. Emily tenta entender o que fizeram em sua região pélvica.
Fonte: Série The Handmaid's Tale (Hulu – 2017)

A mutilação genital feminina é uma prática pouco discutida em sociedade, apesar de ser considerada normal em alguns países. Silva (2015, p.1) aponta que o termo é usado para “referir todos os procedimentos que envolvem a remoção total ou parcial da genitália feminina ou qualquer outra lesão provocada na mesma área por razões não médicas”.

A justificativa de várias comunidades para a realização desse “ritual” gira em torno de muito conservadorismo. Silva (2015) cita que a mutilação pode ser feita por profissionais da saúde ou até mesmo por parteiras dessas comunidades, e é realizada em crianças entre quatro e dez anos de idade, com o intuito de preservar a pureza e inocência da menina, até que ela possa atingir a vida adulta e ser considerada uma mulher pura.

A prática é agressiva e corrompe a vida sexual da mulher desde criança, evitando que ela deseje ter relações sexuais e, assim, o sexo permaneça atrelado ao homem e à reprodução. O procedimento é uma violação ao corpo feminino e uma privação e sua representação na série reforça a necessidade de proibição da prática, que pode causar danos físicos e mentais para a mulher.

A Figura 3 ilustra o momento em que Tia Lydia entra no quarto e inicia um pequeno diálogo com Emily, que não entende porque está ali e o que aconteceu com seu corpo. A cena encaminha para o seu final e as palavras que são ditas por Tia Lydia fazem com que Emily entenda qual foi a sua sentença.



Figura 3. Tia Lydia entra no quarto e inicia um diálogo com Emily.
Fonte: Série The Handmaid's Tale (Hulu – 2017)

A cena termina com Tia Lydia dizendo que agora as coisas serão mais fáceis, pois ela não vai querer aquilo que não pode ter (Figura 4). Ao dizer que Emily não pode ter aquilo que deseja, a personagem demonstra como a sociedade representada na série busca coibir as mulheres de suas condições sexuais. Aqui vemos uma representação de uma sociedade homofóbica, que busca exterminar relacionamentos homoafetivos por meio de condenações brutais: a morte e a mutilação.



Figura 4. Tia Lydia se aproxima de Emily
 Fonte: Série The Handmaid's Tale (Hulu – 2017)

Neste ponto, a produção permite uma reflexão sobre a lesbofobia, considerada por Borrillo (2001) como uma homofobia específica, em que a mulher ela acumula as discriminações contra o gênero e contra a sexualidade. O autor ressalta que as lésbicas não são menos perseguidas que os homens gays, mas são ainda mais sexualizadas pela figura masculina, assim, a lesbofobia é o reflexo da misoginia que “ao transformar a sexualidade feminina em um instrumento do desejo masculino, torna impensáveis as relações erótico-afetivas entre mulheres” (BORRILLO, 2001, p.29).

A série demonstra claramente a perseguição às mulheres lésbicas, representando-as dentro de um contexto no qual elas não podem se relacionar e ainda devem servir aos homens. A personagem tem sua sexualidade exterminada pelo Estado, que reforça, em nome da doutrina religiosa, o seu papel submisso dentro do regime.

O diálogo é encerrado (Figura 5) com a saudação “Blessed Be The Fruit” (bendito seja o fruto, em português), que é utilizada pelos habitantes de Gilead. A frase tem origem é bíblica, foi dita por Isabel para Maria, quando ela estava grávida de Jesus “Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre”³. Também é comumente utilizada para exaltar a presença masculina. Logo, a saudação utilizada na série reforça a exaltação do homem na sociedade e também para reforçar que o ventre da mulher deve ser meramente um aparelho reprodutor, negando a ela sua sexualidade e liberdade.

³“E exclamou em alta voz: Bendita és tu entre as mulheres, e bendito o fruto do teu ventre!” (Bíblia. Lucas 1.42)



Figura 5. Tia Lydia faz uma saudação à Emily e sai do quarto.
Fonte: Série The Handmaid's Tale (Hulu – 2017)

A cena termina com um close-up no rosto de Emily, com uma lágrima escorrendo de seu olho e visivelmente apavorada com tudo que acabou de ouvir. A narrativa é construída com uso de um discurso intolerante, que julga e condena Emily por ser lésbica, embasado em uma ideologia religiosa. A série retrata a forma como a mulher é tratada dentro da sociedade de forma metafórica e hiperbólica. Embora fictícia e distópica, as situações são potencializadas, entretanto, não as torna descontextualizadas.

Levando em consideração os casos diários de violência e intolerância contra a mulher, a série nos mostra um mundo próximo e sua abordagem pode beneficiar discussões sobre a forma como a sociedade trata as mulheres.

O contexto de violação dos direitos e do corpo da mulher e os diversos assuntos que a série aborda em seu roteiro, a conclusão é de que a distopia exibida em The Handmaid's Tale pode influenciar nas discussões sobre mulher na sociedade. A cena analisada apresenta elementos que redundam a vivência da mulher, colocando em pauta as agressões à sua liberdade, dignidade e humanidade.

CONSIDERAÇÕES

Este trabalho foi realizado com o comprometimento de levar a reflexão sobre a mulher dentro da sociedade. Levando em consideração os milhares de casos de violência e intolerância contra a mulher, a série analisada nos mostra um contexto que pode estar bem próximo caso às autoridades e a sociedade em geral não se atentem à importante de tratar sobre esse assunto.

A percepção é de que socialmente há uma deturpação sobre a situação da mulher. A condição que o gênero as coloca reflete uma situação de total vulnerabilidade. A análise

da série buscou, então, demonstrar que o meio audiovisual pode e deve ser usado para tratar sobre assuntos que são pertinentes à sociedade, para auxiliar no processo de construção do senso crítico das pessoas, ocasionando um melhor entendimento sobre determinados assuntos.

Por se tratar de uma distopia, muitas coisas demonstradas na série acontecem de modo diferente no mundo real, mas, como foi possível observar, elas acontecem. A série amplia as situações, colocando uma lente de aumento para causar impacto, algo bastante significativo, e levando em consideração, por exemplo, as declarações machistas, racistas e homofóbicas de algumas autoridades ao redor do mundo, esse enredo distópico não parece tão improvável e distante.

REFERÊNCIAS

ALAMBERT, Zuleika. **A história da mulher**. A mulher na história. Brasília: Fundação Astrojildo Pereira/FAP; Abaré, 2004.

BARBOSA, Milka Alves Correia; MATOS, Fátima Regina Ney; SANTOS, Ana Paula Ferreira dos; ALMEIDA, Ana Márcia Batista. **Mulheres e patriarcado: Dependência e Submissão nas casas de farinha do agreste alagoano**. XXXV Encontro da ANPAD, Rio de Janeiro, 2011.

BEAUVOIR, Simone De. **O Segundo Sexo: Fatos e Mitos**. 4a ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BÍBLIA, A. T. **A Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo, Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2011.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2010.

CRUZ, Sabrina Uzêda da. **A representação da mulher na mídia: Um olhar feminista sobre as propagandas de cerveja**. IV ENECULT: Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, Salvador, 2008.

FREITAS, Simone. **A mulher e seus estereótipos: Comparando 50 anos de publicidade televisiva no Brasil e Portugal**. Universidade do Minho, Portugal, 2014.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da mídia - estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Tradução Ivone Castilho Beneditti. - Bauru, SP; EDUSC, 2001.

KULESZA, Juliana; BIBBO, Ulysses de Santi. **A televisão a seu tempo: Netflix inova com produção de conteúdo para o público assistir como e quando achar melhor, mesmo que seja tudo de uma vez**. Revista de Radiofusão, no 8, 2013.

MONTEIRO, Ítalo da Silva; SALES, Lígia de Oliveira. **Netflix e seus efeitos midiáticos na era da convergência**. XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, Fortaleza, 2017.

MORAES, Érika de. Ser mulher na atualidade: a representação discursiva da identidade feminina em quadros humorísticos de maitena. In TASSO, I., NAVARRO, P. (Orgs). **Produção de identidades e processos de subjetivação em práticas discursivas**. Maringá: Eduem, 2012.

PAOLI, M. C. **A família operária**: notas sobre sua formação histórica no Brasil. Tempo Social - Revista de Sociologia da USP. São Paulo, v. 4, n. 1-2, p. 17- 41, jan./jun. 1994.

PENAFRIA, Manoela. **Análise de filmes**: Conceitos e metodologias. VI Congresso Sopcom, Abril de 2009.

SAFFIOTI, H. I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SAVIETTO, Daniele. **Mulheres e Mídia Global**: Uma análise internacional da perspectiva das mulheres sobre suas representações midiáticas. Dissertação de Mestrado. Coimbra, 2015.

SILVA, Lianzi dos Santos. **Mulheres em cena**: As novas roupagens do primeiro damismo na assistência social. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

SILVA, M. V. B. **Cultura das séries**: forma, contexto e consumo de ficção seriada na contemporaneidade. Galaxia (São Paulo, Online), n. 27, p. 241-252, jun. 2014.

SILVA, Carina Castro da. **Mutilação Genital Feminina**: Percepções de jovens guineenses residentes em Portugal e de profissionais com experiência na Guiné-Bissau. Dissertação de Mestrado. Porto, 2015.

SOUSA, Ingrid Marques de; AQUINO, Juliana Rodrigues de; MELO, Rostand de Albuquerque. **A construção da identidade nas séries de TV**: uma análise da repercussão de 13 Reasons Why. XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, Fortaleza, 2017.

TOURAINÉ, Alain. **Um novo paradigma: para compreender o mundo de hoje**. Tradução de Gentil Avelino Tilton. 4a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.